

Vol XVI, Núm 1, jan-jun, 2023, pág 62-78.

**REPRESENTAÇÕES, PODERES E DISCURSOS SOBRE A AMAZÔNIA EM
PERIÓDICOS ACREANOS E AMAZONENSES (1940-1960)
REPRESENTATIONS, POWERS, AND SPEECHES IN/OF AMAZON IN JOURNALS
FROM THE STATES OF AMAZON AND ACRE (1940-1960)**

Emilly Nayra Soares Albuquerque

Almir Diniz de Carvalho Júnior

RESUMO

Este artigo busca apresentar os caminhos de uma pesquisa em desenvolvimento no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Amazonas. O objetivo inicial da proposta de tese consiste em compreender os discursos, os poderes e as representações sobre/na Amazônia através de periódicos acreanos e amazonenses entre 1940 e 1960. Realiza-se uma exposição dos percursos teórico-metodológicos realizados até a fase de investigação em que se encontra a pesquisa. Os periódicos do estado do Acre e do Amazonas, publicações da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Revista Brasileira de Geografia, discursos de agentes públicos e obras publicadas por intelectuais da época são as fontes desta pesquisa. Esse conjunto de fontes está em análise como narrativas que reverberaram as representações, os poderes e os discursos sobre a Amazônia.

Palavras-chave: Amazônia; periódicos, representações; poderes; discursos.

ABSTRACT

This article aims to present the research path in development in the History doctoral degree program, of the Federal University of Amazon. The main initial objective of the thesis is based on understanding the speeches, power, and representation about/in Amazon through Journals from the Brazilian states of Amazon and Acre, between 1940 and 1960. An exposition of theoretical-methodological paths is carried out until the investigation phase that this research is now. The journals from the State of Acre and Amazonas constitute the primary sources of research, considering that other sources, classified as secondary, were incorporated in the investigation as well, such as the publications of the Historical and Geographical Brazilian Institute, a Brazilian Journal of Geography, speeches by public agents and works published by intellectuals of the time are the sources of this research. This set of sources is under analysis as narratives that reflect representations, powers, and discourses about the Amazon.

Keywords: Amazonia; periodicals, representations; powers; discourses.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa é parte da investigação realizada no doutoramento em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, vinculada à linha de pesquisa Cultura e Representações, com o objetivo de compreender os discursos, os poderes e as representações sobre/na Amazônia através de alguns periódicos do estado do Acre e do Amazonas. Pretende-se apresentar os caminhos, até então percorridos, do processo de investigação, apresentando modificações e perspectivas que deram impulso à sua continuidade.

Desde os ensaios iniciais da pesquisa, cada etapa de investigação entrelaçou novos elementos que constituem insumos para a composição de um arsenal ainda em processo de separação, seleção e recortes à proporção que inaugura outros horizontes para a temática em estudo. Nessas reconfigurações, por viver no estado do Acre e pela oportunidade de ingressar em um Programa de Pós-Graduação no Amazonas, outras possibilidades sugeriram na medida em que, inicialmente, as fontes da pesquisa estavam limitadas aos jornais acreanos. Contudo, as fontes que indicaram os possíveis objetivos da pesquisa também apontavam uma conexão de estudo entre o estado do Acre e o do Amazonas, possibilitando novos caminhos viáveis para o estudo.

Esses novos trajetos da pesquisa, que diferem do que fora proposto no período de elaboração do projeto de pesquisa, expuseram diálogos que se mostraram necessários para atender às problemáticas iniciais. Nessa nova composição de recortes, o Amazonas já estava em exposição nas fontes de pesquisa. Mesmo quando havia um recorte para trabalhar com os jornais acreanos, considerava-se que — durante os anos 1940, já com o advento da última etapa de extração do látex da árvore seringueira para a comercialização — a região amazonense ocupava uma condição de centro dessa produção acreana, como o lugar que estava na centralidade, no liame da floresta e na consolidação do parâmetro civilizador em desenvolvimento.

Assim, desde os primeiros impulsos para o desenvolvimento deste estudo, muitas questões permearam as aspirações iniciais, entre elas, perduram: que narrativas amazônicas estão presentes nos jornais do Acre e do Amazonas? Quais são as distinções entre as produções jornalísticas dos dois estados em torno das representações sobre/na Amazônia? Quais são os efeitos de poder instaurados sobre/na Amazônia por meio da produção de discursos estruturados/hierarquizados através de ordenamentos? Por que elaborar contraposições às narrativas que apresentaram/apresentam a Amazônia a partir de uma ordem eurocêntrica?

Desde as composições iniciais do projeto, alguns autores contribuíram para a proposta de estudo, seja enquanto componentes da revisão da literatura sobre o tema, seja como bases para a elaboração de um conjunto de categorias metodológicas e de análises em articulação ao longo de todas as etapas da pesquisa. Nesse conjunto de pesquisadores que elaboraram pesquisas sobre/na região, serão evidenciadas, com maior ênfase, as pesquisas desenvolvidas em torno das produções de narrativas sobre a Amazônia através de um panorama maior, que discute a região enquanto um objeto narrado por um saber/poder externo a ela ou mediante perspectivas que criam possibilidades para outras interpretações para pensar e discutir essa Amazônia tomando-se por base outros parâmetros.

Entre esses pesquisadores que discutem as constituições de narrativas sobre um determinado lugar enquanto um espaço de criação externa, temos Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2012), com a obra *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*; Neide Gondin (1994), com *A invenção da Amazônia*; e Gerson Rodrigues de Albuquerque (2016), com o capítulo de livro *Amazonialismo*. Eles auxiliam nessa reflexão sobre como uma região é subjugada com base em parâmetros centralizadores de um padrão de civilidade sob o domínio de criação de um agente que detém o poder de inscrição desse lugar, cidade, estado, região ou comunidade, que está sendo inserida nessa ordem e lógica a partir de um dizer que autoriza e desconsidera as bases inerentes às especificidades do lugar, que renega os elementos pertencentes às particularidades do que está sendo narrado, sobretudo anulando outras possibilidades de interpretações sobre o que se impõe como a máxima da verdade.

Autores com suas respectivas produções, como Euclides da Cunha (1999), em *À margem da História*; Djalma Batista (2006), em *Cultura e sociedade*; Paes Loureiro (1995), em *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*, na condição de intelectuais que elaboraram escritos amazônicos, serão compreendidos a partir do contexto em que escreveram suas obras. Isso se dá pelos efeitos decorrentes da influência dessas obras, assegurando construções de narrativas que julgavam e ainda julgam a região como um território de atraso, posto em estado de “selvageria”, dependendo de intervenção exterior para implantar medidas de um “progresso”.

Outros autores, com ênfase nos pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, passam a ser incorporados no arsenal bibliográfico pela maneira que articulam perspectivas importantes para pensar a Amazônia,

contribuindo com as possibilidades de análises que se configuraram até então. Nesse conjunto de intelectuais, entre docentes e discentes do Programa, destacam-se alguns autores da coletânea *Historiografia amazonense em perspectiva* pela maneira que contribuem para pensar as ideias que permeiam, projetam e se estruturam para a Amazônia em uma definida temporalidade, fundamentando-se em determinadas condições de possibilidades de existência, especificamente o estudo de Carvalho Júnior (2020).

A partir dessas articulações que refletem sobre o lugar que a Amazônia ocupa numa lógica de dominação, algumas concepções teóricas estão na base das categorias de análises articuladas até aqui, visto que outros diálogos teórico-metodológicos ainda estão em processo de seleção, com fundamento nos recortes estabelecidos para a pesquisa. Evidencio, com maior ênfase, as contribuições de autores que estiveram como base teórica desde as primeiras construções deste estudo, portanto, que orientaram os vieses do campo da representação, dos discursos, da cultura e da dimensão do poder. Esses conceitos foram articulados com base nas contribuições de Michel de Certeau (1982), em *A escrita da História*; Michel Foucault (2009, 2005), com suas obras *A ordem do discurso*; *A arqueologia do saber*; e Raymond Williams (1979), em *Marxismo e literatura*.

Com as leituras realizadas nas disciplinas da pós-graduação, outros autores foram incorporados ao quadro teórico à proporção que fortaleceram os contornos conceituais estabelecidos para o estudo no que concerne às vias de análises possibilitadas pelas escolhas teóricas em articulação. Assim, Zygmunt Bauman (2012), em *Ensaio sobre o conceito de cultura*; Roger Chartier (1990), em *A História cultural: entre práticas e representações*; e François Hartog (2013), em *Regime de historicidade: presentismo e experiência de tempo*, são autores que estabeleceram novas perspectivas de análises para o campo teórico e permitiram um aprofundamento nas categorias que enredam novos encadeamentos aos recortes temporal e espacial.

O ITINERÁRIO DA PESQUISA: ENTRE RECORTES E AMPLIAÇÕES

Durante a pesquisa de mestrado, o trabalho com os jornais enquanto fonte de pesquisa indicou possibilidades de elaborar uma proposta de estudo no âmbito do doutorado. Os periódicos acreanos indicavam questões para serem investigadas acerca da Amazônia, na medida em que a região estava tematizada em matérias, manchetes e imagens com frequência. Nesse aspecto, as questões que envolviam a Amazônia poderiam, ou melhor, podem ser

encontradas em edições sequenciadas, evidenciando a propagação de narrativas sobre a região a partir de uma construção homogênea que estava periodicamente em manifestação nesses jornais.

As movimentações políticas, econômicas e sociais do Amazonas aparecem com frequência nas páginas dos jornais acreanos no que concerne à correlação entre o estado do Acre e o do Amazonas, encadeados pela conexão da atividade de extração do látex na Amazônia. É importante registrar que também aparecem publicações dedicadas às atividades que ocorriam em outros estados, como Rondônia e Pará; contudo, o Amazonas configura-se como o centro dessa produção advinda do estado do Acre, incluindo a sua importância dentro dessa Amazônia produtora, que não somente reúne essa produção, como detém os benefícios materiais resultantes dessa atividade econômica.

Por meio da percepção dessas narrativas sobre a Amazônia nos jornais acreanos, surgiu a possibilidade de um estudo comparativo entre as produções jornalísticas de ambos os estados, imersos nessa Amazônia enquanto uma construção maior. Com base nesses novos recortes e percursos entre estado do Acre e do Amazonas, numa perspectiva de análise comparativa, foi possível identificar que, no recorte de 1960 a 1980, estabelecido inicialmente para o projeto de pesquisa, existe um conjunto de elementos que inserem o estado do Amazonas como um dos centros da Amazônia; com relação ao estado do Acre, ele ocupava uma centralidade numa escala de vinculação ao estado do Amazonas.

A investigação em torno desses jornais acreanos, precisamente, *O Rio Branco, O Acre* (SABINO, 1960), entre as décadas de 1960 e 1980, exprimem mudanças na estrutura econômica, política e social que ocorreram na região acreana em detrimento das atividades econômicas desenvolvidas com maior predominância no período. A de maior intensidade, extração da borracha, aparece marcada nos registros em torno dessa exploração na Amazônia por dois grandes períodos. O primeiro, sinalizado entre 1880 e 1910, enquanto o segundo ocorre entre 1941 e 1945, conforme expõe João Veras de Souza (2017) em sua obra *Seringalidade: o estado da colonialidade na Amazônia e os condenados da floresta*, estudo que abrange as relações estabelecidas na Amazônia a partir do ordenamento econômico projetado pela exploração da borracha, bem como Leandro Tocantins (2001), em sua obra *A formação histórica do Acre*, que parte de uma narrativa que pensa existência do território acreano com base no fator econômico da borracha.

Tocantins (2001) atribui ao que intitula a “formação” do Acre um conjunto de elementos externos vinculados ao processo civilizatório, que silencia as vidas e os modelos de sociedades que existiam na região antes da exploração da borracha em larga produção para exportação. Entre esses elementos considerados necessários para alcançar o dito “progresso”, o autor citado enfatiza os movimentos de migração para a Amazônia (TOCANTINS, 2001), posicionando esses homens de outras regiões como desbravadores das terras sem história, em que o homem é posto como elemento civilizador da floresta, conforme expôs Euclides da Cunha (1999) em *À margem da História*.

Após esse contexto de maior exploração da borracha, culminaram movimentações para a região acreana no tocante aos espaços projetados em substituição aos seringais, aos varadouros e a todo o arcabouço engendrado para o trabalho com a borracha. Após as etapas de intensa produtividade, inicia um processo de desarticulação, conforme expõe Airton Chaves da Rocha (2006) em *A reinvenção e representação do seringueiro na cidade de Rio Branco, Acre (1971-1996)*. Nessa obra, Rocha (2006) trata sobre a trajetória dos sujeitos que trabalhavam com a extração do látex, denominados “seringueiros”, condição refutada ao longo da pesquisa do autor, na medida em que destaca outras atividades desenvolvidas por esses sujeitos, demonstrando que suas trajetórias na floresta estavam além da atuação de extratores de látex.

Diante dessas transições narradas pelos jornais, como já identificado pelas pesquisas realizadas, a Amazônia, a princípio, com foco especificamente no estado do Acre, aparece imersa em uma projeção maior que a integra enquanto palco para projetos futuros que viriam substituir as estruturas imersas na região. Estas atendiam aos comandos da produção extrativista, especificamente no trato com a produção da borracha em ascensão nas duas maiores etapas, conforme apresenta Maria José Bezerra (2006) em *Invenções do Acre: de território a estado — um olhar social em torno das projeções que delineavam outros ordenamentos políticos, econômicos e sociais durante esse período de novos empreendimentos para a Amazônia*.

As articulações e os incentivos para outros empreendimentos da região, como pecuária e projetos que aparecem através de propagandas nos jornais pesquisados, instigaram a problemática de pesquisa que compreende essas publicações dos periódicos sobre Amazônia enquanto narrativas que manifestam representações, discursos e poder sobre um lugar, exprimindo uma produção com base em disposições de controle e domínio do que está sendo

narrado, em outros termos, do que será propagado sobre/na Amazônia tendo em vista uma projeção regionalista.

Assim, o recorte temporal da pesquisa, inicialmente, permeava essas mudanças, que vinham de um panorama maior e determinavam os novos contornos a serem aplicados na região após um período de valorização da borracha brasileira da Amazônia. Foram sobre essas mudanças que as matérias de jornais permitiram lançar problemáticas que impulsionaram o direcionamento da pesquisa em torno do campo da representação, do poder e do discurso sobre/para a Amazônia, ou seja, foram através dessas produções jornalísticas que a Amazônia, enquanto sua própria existência de região, passa a ser alvo desta pesquisa. Tais mudanças foram direcionadas, através de propagandas, projetos e incentivos do governo federal, a novas iniciativas em substituição à atividade de extração da borracha, conforme expõe Djalma Batista (2007) em *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*.

Contudo, diante das produções de jornais que propagavam ações de direcionamento para a articulação de novos contornos para um estado do Acre inserido em um contexto maior de projetos para a Amazônia, o Amazonas estava nessa produção de periódicos acreanos, além da sua configuração enquanto um centro regional que se destinava a receber as produções de borracha extraídas do estado do Acre. Portanto, havia alguns diálogos com o Amazonas que emergiam mesmo diante da pretensão de conduzir uma pesquisa com o recorte de produção apenas dos jornais do Acre, o que apontava a necessidade de intermediar as produções que evidenciavam também o Amazonas, com fundamento em vínculos que ainda serão melhor articulados através das análises futuras.

Nesses diálogos, busca-se compreender quais lugares esses dois estados ocuparam numa produção maior, ou seja, para fora dos domínios locais das cidades em que esses jornais foram produzidos, entendendo, ainda, as relações destes com o contexto nacional. Tomados neste estudo enquanto textos jornalísticos, esses jornais partem de uma narrativa que engendra questões conceituais a serem compreendidas em conexão entre o regional e o nacional; assim, estruturam-se possibilidades de análise que condicionam perspectivas articuladoras entre Acre e Amazonas, segundo a proposta que esboça elementos que auxiliam na problemática: Quais estruturas possibilitaram as representações, os discursos e os poderes sobre a Amazônia durante os anos 40 a 60?

Com o estado do Acre e o estado do Amazonas como centros para investigar a Amazônia a partir dessa produção maior que os incorporam, o Acre aparece configurado com base numa

construção que remete à sua formação e à delimitação geográfica, o que viabiliza uma investigação que evidencie sua constituição enquanto região de fronteira integrante dessa Amazônia.

Nessa via de interpretação, é significativo incluir as relações do estado do Acre tomando-se por base seus arranjos, que se referem às narrativas tecidas e difundidas em torno do que estruturou a existência do Acre como estado brasileiro, ou seja, a configuração desse estado como parte dessa Amazônia a partir da análise do campo discursivo, desde os acordos e tratados que delimitaram sua designação enquanto território em difusão para o domínio brasileiro e/ou na legalidade da posse de direito da Bolívia.

AS POSSÍVEIS RELAÇÕES COMPARATIVAS ENTRE ACRE E AMAZONAS

Enquanto o estado do Acre é compreendido por meio dessas narrativas primeiras do seu processo de anexação ao Brasil, que ainda reverberam um patriotismo engendrado pelo sentimento de “ser brasileiro”, alastrado por uma historiografia local e nacional, com foco no fator econômico da borracha e na figura de homens considerados heróis da “Revolução Acreana”, o Amazonas é incorporado como espaço de pesquisa de modo que seus processos de constituição enquanto estado também são pontos consideráveis para uma análise maior.

Nesse sentido, Craveiro Costa (1973), em sua obra *A conquista do deserto ocidental*, realiza um recuo para o período de levantes às disputas com a Bolívia, concorrência acentuada devido à ascensão da atividade de extração do látex na região amazônica. Assim, as ações de cunho político e econômico também fundamentaram movimentos de constituição de um lugar, que imbuíram estratégias de consolidação para o espaço, o qual adquire uma potência regional devido à exploração da borracha.

Portanto, as produções jornalísticas dos três jornais acreanos selecionados para serem utilizados como fontes de pesquisa sinalizaram a possibilidade de estabelecer diálogos com o estado do Amazonas ao considerar o pano de fundo da pesquisa, que se encontra pautado na Amazônia, sobretudo pela própria vinculação política e econômica entre Acre e Amazonas durante o período de grande produção do látex. Nesses termos, envereda-se pela compreensão dos sistemas de produção da borracha na Amazônia, por o reflexo do Amazonas ser um dos locais de escoamento e concentração dos rendimentos alcançados pela exploração da borracha, no que se refere aos anos de maior produção em que o estado amazonense ocupava a

centralidade do sistema dessa atividade econômica, conforme exposto na obra de Batista (2007).

Diante dessas relações apontadas pelos periódicos acreanos, com a inclusão do estado do Amazonas no recorte espacial da pesquisa, emerge a necessidade de recuo no recorte temporal para os anos 1940, devido à conexão do que estava sendo delimitado durante esse período e que é evidenciado nos anos 1960, década estabelecida para o início da investigação. Assim, o recuo aos anos 1940 permitiu entrever uma compreensão a partir de uma dimensão de temporalidade em que vigora determinada estrutura, que, por sua vez, condiciona determinadas práticas, discursos, ações, narrativas e outras ações que podem ser analisadas com base nessa dimensão do poder.

Ao realizar esse recuo, foi possível compreender determinadas ações no campo político, econômico e social que se estabeleciam durante os anos 1940 e que ainda ecoavam como desdobramento ou estrutura em vigor, devido a um ordenamento que remete à força que autoriza deliberadas ações, práticas ou perspectivas para a região, reflexão baseada nas perspectivas de François Hartog (2013), em *Regime de historicidade: presentismo e experiência de tempo*, no que concerne às suas percepções em torno do tempo enquanto uma categoria de estudo que emana poder, transformações, rupturas, mas que também deve observar as permanências.

Em torno desse arranjo que autoriza e legitima, Carvalho Júnior (2020, p. 68), em seu estudo sobre mestiçagem e tropicalismo no pensamento amazônico de alguns intelectuais da época, contribui para estabelecer reflexões em volta dos eixos discursivos que sustentam uma “rede ideias e que ainda podem alimentar a imaginação social sobre a Amazônia”. De acordo com o autor, é possível compreender os eixos que constituem esses discursos, pois será possibilitada a identificação da dimensão dessas forças que, pela sua dispersão, não se encontram visíveis, senão através de uma investigação dos enunciados (CARVALHO JÚNIOR, 2020).

Além de identificar essas representações, discursos e poderes sobre a Amazônia através das produções dos periódicos, é buscada a compreensão sobre como essas produções foram possíveis por meio do modo que estão compactadas nas estruturas condicionantes da formação dessas narrativas. São produções que não estão deslocadas das estruturas, mas que emergem uma profundidade que se dilui e redistribui os elementos delimitadores em camadas que integram a formação da sociedade.

Ao utilizar as concepções teórico-metodológicas de Foucault (2009, 2005), com as obras *A ordem do discurso e Arqueologia do saber*, pretende-se usar os conceitos para as escolhas no campo da metodologia no que se refere à definição e aos usos das fontes de pesquisa. A investigação desses enunciados exprime a necessidade de ir entre as camadas que formulam as ideias sobre a Amazônia como um produto hegemônico, que aparece formulado através de determinações que incitam a exaltação de determinados elementos como expressão de sua definição enquanto lugar, baseando-se numa lógica que enquadra para posteriormente sujeitar essa região.

O método arqueológico de Foucault (2005) norteia as reflexões sobre a necessidade de introduzir a investigação sobre os usos dos procedimentos que tornam possíveis o entendimento do conjunto de regras que autorizam e estabelecem os parâmetros de validação. Com isso, objetiva-se que certas narrativas, perspectivas, ações e até mesmo compreensões que se estabelecem entre o sujeito e o lugar que ocupa na sociedade sejam captadas a partir de uma dependência, ligação que se encontra diluída em várias camadas que integram o viver em sociedade.

Entre essas concepções instauradas sobre um outro, o qual nesta pesquisa se dirige à Amazônia, é importante pontuar como algumas construções e formulações sobre essa região foram instauradas como expressão de verdade, imbuída de uma condição de verdade naturalizada pela sustentação dada ao discurso e da sua reprodução enquanto autêntico.

É sobre essa escrita que institui um poder sobre o outro que Certeau (1982) configura concepções de interpretações sobre a escrita enquanto inscrição de dominação pela autoridade de quem detém o poder de dizer sobre o outro. Nessa perspectiva, além de identificar as representações, os discursos e os poderes que determinam a Amazônia, a dimensão do sujeito amazônico também interessa a esta pesquisa no que se refere às relações impostas em torno de uma dependência da região em relação às outras, ao país e até mesmo a lugares fora da nação brasileira. Assim, busca-se enveredar pela materialidade da ação que sujeita, limita e detém as regras da trama de todo o enredo que será possibilitado pelo conjunto de regras.

Em torno dessa condição de poder que institui um dizer sobre um lugar, ao relacionar as concepções de Albuquerque Júnior (2012) no que compete à formulação do preconceito regional, instituído através de um conjunto de ações que articula elementos que irão atuar como predominantes para afirmar uma compreensão condicionada e limitada às estruturas que determinam sua existência, o autor insere uma análise que permite entender a construção de

estereótipos a partir de um jogo de interesses. Esse jogo elabora as tendências utilizadas para dizer sobre um lugar, sobretudo pelas distinções entre eles em construção de fronteiras díspares, acentuadas pela hierarquização de categorias que inserem uma lógica de progresso. Tal lógica é pautada em uma escala que circunscreve espaços definidos pelo uso da compartimentalização a favor de um regionalismo que mascara interesses, jogos de poder entre os que detêm as estratégias de controle dessas fronteiras que introduzem regionalismos categorizados pelas diferenças que se distanciam para formular os determinismos de um lugar.

REFLEXÕES SOBRE A TEMPORALIDADE DA PESQUISA

As investigações entre os anos 1960 e 1980 revelaram uma vinculação aos períodos anteriores à delimitação inicialmente estabelecida para a proposta de pesquisa. Contudo, no exercício dos traçados teórico-metodológicos, em articulação aos objetivos e às questões direcionadoras para o estudo, as representações, os discursos e os poderes que se exprimem nos jornais da década de 1960 remetem às movimentações estabelecidas nos anos anteriores, enquanto um desdobramento iniciado a partir de uma estrutura que vigorava nesse período.

Assim, as próprias fontes indicaram um recuo para anos anteriores ao considerar que a análise não se limita a identificar e apresentar esses discursos, poderes e representações, mas permeia entre as estruturas que as ordenam dessa maneira através de análises das condições que possibilitaram que determinadas ações fossem possíveis, enquanto outras são colocadas às margens dessa legitimidade.

Nas pesquisas em volta da Amazônia pelos jornais acreanos dos anos 1960, é possível a identificação de discursos e representações que emanam uma projeção à Amazônia pela introdução de elementos que seguem uma lógica europeia, ligada à inserção de parâmetros atrelados às ações, às práticas e aos demais componentes considerados substanciais para a inserção da Amazônia nos padrões instituídos como necessários para o alcance do projeto de civilidade.

No entanto, ao recuar para os anos 1940, sobretudo pelas movimentações que aconteciam no estado do Amazonas, considerando esse estado a partir de uma centralidade regional, local em que emanam as ações voltadas à Amazônia brasileira, podem-se exprimir as movimentações iniciais no que concerne às manifestações desses discursos, poderes e representações.

Um exemplo dos diálogos possibilitados por esse recuo consiste no discurso referente ao *Quarto centenário do descobrimento do rio Amazonas*, proferido por Getúlio Vargas, então presidente do país, datado no dia 10 de outubro de 1940, exposto e inserido juntamente com comentários de autoria de redatores por alguns jornais do estado do Amazonas, fontes que se encontram em processo de seleção e análise. A pronúncia do agente público verbera desde os períodos das navegações em razão da presença de europeus, permeando as novas aspirações projetadas à região.

Esse discurso apresenta algumas mudanças no pensamento no que se refere ao imaginário que inseria a Amazônia numa condição de vida humana inóspita, bem como introduz uma estrutura que empreende as ações propostas à integralização da região às outras regiões do país, mas limitando tais aproximações, ou seja, novas perspectivas para se conceber a região mediante os parâmetros de aplicabilidade das práticas modernizadoras, conforme discute Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1998) em sua pesquisa intitulada *Integrar para não entregar: políticas públicas e Amazônia*.

Assim, a região aparece em fase de potenciais crescimentos limitados às ações superiores, seja pelas ações presidenciais, seja por outras vozes autorizadas para proferir uma manifestação, seja pela intervenção e/ou submissão da região.

Diante do exposto, o recuo para os anos anteriores expõe questões que auxiliam a pensar as estruturas que possibilitaram as projeções apontadas para a Amazônia durante os anos 1960 no estado do Acre, de acordo com as narrativas dos jornais locais que introduziam perspectivas à região com base em programas que lançavam os chamados incentivos, negócios lucrativos, vantagens asseguradas pelo governo. Conforme se apresenta num fragmento de matéria de jornal:

Muitas pessoas jurídicas estão tirando todo o proveito que podem das vantagens que a região amazônica oferece. E não é só porque a Amazônia está na moda. É porque essa moda dá lucro [...]. Negócios que vão desde enormes projetos agropecuários com milhões de cabeças de gado, até o sofisticado parque industrial de onde estão saindo excelentes produtos para o Brasil e para o mundo... [...] agora, que você sabe isso tudo sobre a Amazônia, tire proveito das vantagens que ela oferece para a temporada de incentivos. Que outras ofertas dão mais segurança? (APROVEITE, 1977, p. 07).

Essa matéria é uma das primeiras que integrou o conjunto de fontes históricas para pensar os iniciais esboços do projeto de pesquisa, ou seja, foram através dessas narrativas carregadas de propagandas para a Amazônia que surgiu a possibilidade de desenvolver uma investigação em diálogo com as representações, os poderes e os discursos sobre/na Amazônia.

Nesse contexto, a partir desse jornal acreano, a Amazônia aparece como palco para a funcionalidade de atividades econômicas que estão a ser vislumbradas como possibilidades de enriquecimentos aos investidores do país. A matéria incita uma projeção de negócios para a região mediante um contexto maior que reproduz uma tendência aos negócios “produtivos” à Amazônia.

Recuar aos anos 1940 permitiu entrever as estruturas que possibilitaram essas nuances para o imaginário sobre a Amazônia. Entre essas estratégias estão as propostas proferidas pelo presidente da República durante o seu discurso sobre o rio Amazonas, quando pontua que um dos desafios para a retirada da região de uma condição de “estagnação”, seria o “investimento” em processos de povoamento, sustentados pelos discursos do “vazio” que asseguram as aplicabilidades desses empreendimentos enquanto necessários à inserção da Amazônia numa proposta de integração ao país.

Retornar aos anos 1940 e identificar as articulações primeiras em torno desse imaginário, com base em propostas que centralizam a Amazônia no discurso nacional, permite compreender a importância de apreender o tempo como categoria ao concebê-lo a partir de estruturas que se estendem até determinados períodos e desdobram-se em outras disposições mediante outras condições de possibilidades posteriores. Perspectivas articuladas a partir da categoria de temporalidade de Hartog (2013), que auxilia a pensar os regimes de historicidade que emanam determinadas especificidades sobre uma ordem dominante do/no tempo.

Nessas estruturas que se edificam em determinados períodos, a Amazônia aparece como palco de discursos, imersa em representações que emanam um poder sobre ela, dimensão que condiciona uma autoridade perante a região. Conforme o conjunto de diálogos teóricos expostos, nessa dimensão do tempo, pelas estruturas que regimentam determinadas concepções em uma temporalidade específica, o campo cultural não se encontra deslocado dessa estruturação à proporção que o poder também atua sobre a cultura, tendo em vista que ela passa a ser produto desse controle e domínio em vigor.

A noção de cultura e representação em que esta pesquisa se fundamenta é concebida com base em Chartier (1990). Inserida nessa temática maior da Amazônia, a cultura é utilizada como uma categoria que se refere aos modos como os homens produzem uma leitura do cotidiano, ou seja, das condições em que vivem e das maneiras que encontram para materializar práticas, sejam pelos comportamentos, sejam pelos atos de fala, sejam pelos atos de criação, isto é, a cultura é inerente à criatividade humana, como aponta Bauman (2012). Esse último

autor introduz uma perspectiva para apreender o campo cultural como uma especificidade inseparável da condição humana, que atua tanto como um agente da ordem, ao considerar que esse campo não está distante da estrutura de poder, como também não se limita a agir apenas sob essa égide.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto é um ensaio sobre as reflexões realizadas durante o doutorado, uma tentativa de direcionar as leituras feitas ao longo das disciplinas e suas contribuições para a pesquisa, especificamente para os percursos teóricos e metodológicos em construção para o desenvolvimento da tese. Nesses diálogos, em articulação ao próprio desenho dado às pesquisas das fontes dos jornais, surgiram possibilidades de mudanças e novos trajetos que incorporaram novos elementos constitutivos para as análises necessárias e respostas aos problemas de investigação, ou seja, a investigação viabilizou abrir novos horizontes, que permitiram a introdução do estado do Acre e do estado do Amazonas como recortes espaciais.

Quando a pesquisa ainda estava condicionada a uma proposta de projeto de tese, os jornais pareciam contemplar as questões e o problema central direcionado à pesquisa; contudo, com o andamento da investigação, as próprias publicações dos jornais, compreendidas neste estudo como narrativas, refletiram sobre a necessidade de reunir outras narrativas, ou seja, enveredar por outras fontes, como as publicações de revistas científicas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Revista Brasileira de Geografia, discursos de agentes públicos e obras publicadas por intelectuais da época.

Assim, os periódicos pesquisados publicavam essas narrativas que passam a ser incorporadas como fontes secundárias na pesquisa. O meio de produção e as condições que permitiram a publicidade dessas narrativas também interessam à investigação, pois é a partir desse meio que as produções emanam uma relação com as estruturas que estão na base de suas produções. Em outros termos, determinadas produções são possíveis, assimiladas e difundidas enquanto verdades, autênticas e detentoras do saber nessa sustentação que autoriza o que pode/deve ser elaborado.

Através das pesquisas nos jornais, com abertura para periódicos não somente acreanos, mas amazonenses, constatou-se a necessidade de utilizar os jornais como aporte metodológico inicial para se enveredar pelas identificações e análises em torno das representações, dos discursos e dos poderes. Desse modo, as produções jornalísticas estão submersas numa

estrutura maior em que esses materiais são palcos para propagações de construções discursivas e representativas que emanam as formas e as forças desse poder. Portanto, a dimensão desta pesquisa para a compreensão e a análise dos discursos, dos poderes e das representações não se limita às narrativas jornalísticas, visto que as próprias produções tendenciam a permear sobre outras fontes, como revistas e discursos de agentes públicos, como já citado, ou seja, em torno de outras formas enunciativas desses campos em análise.

Essa produção textual buscou apresentar mais caminhos que resultados, na medida em que foram expostos os percursos e os trajetos entre as mudanças e as ampliações que atravessaram e ainda percorrem a investigação em curso. As articulações feitas entre a busca das fontes e as leituras realizadas através das disciplinas do doutorado bem como as novas possibilidades de interpretação, comparação e análises que emergiram não destoam das pretensões iniciais, pelo contrário, essas alterações permitiram perspectivas ainda não pensadas para a proposta de tese.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2012.
- ALBUQUERQUE, G. Amazonialismo. *In*: ALBUQUERQUE, G.; PACHECO, A. S. **Uwa'kürü: dicionário analítico**. Rio Branco: Nepan, 2016. p. 74-97.
- BATISTA, D. **Amazônia: cultura e sociedade**. 3. ed. Manaus: Valer, 2006.
- BATISTA, D. **O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento**. 2. ed. Manaus: Valer, 2007.
- BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BEZERRA, M. J. **Invenções do Acre: de território a estado — um olhar social...** 2006. Tese (Doutorado em História) — Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- CARVALHO JÚNIOR, A. D. Mestiçagem e tropicalismo no pensamento amazônico: Gilberto Freyre, Leandro Tocantins, Ferreira Reis e Ypiranga Monteiro. *In*: QUEIRÓS, C. A. B. (org.). **Historiografia amazonense em perspectiva**. Manaus: Valer, 2020. p. 29-71.
- CERTEAU, M. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

- CHARTIER, R. **A História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.
- COSTA, C. **A conquista do deserto ocidental**. São Paulo: Ed. Companhia Nacional, 1973.
- CUNHA, E. da. **À margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- GONDIN, N. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- HARTOG, F. **Regime de historicidade**: presentismo e experiência de tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- OLIVEIRA, A. U. de. **Integrar para não entregar**: políticas públicas e Amazônia. Campinas: Papyrus, 1998.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica** – Uma poética do imaginário. 5. ed. Manaus: Editora Valer, 1995.
- APROVEITE as ofertas da Amazônia para a temporada de incentivos. **O Rio Branco**. Rio Branco, 27 mar. 1977.
- ROCHA, A. C. da. **A reinvenção e representação do seringueiro na cidade de Rio Branco, Acre (1971-1996)**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) — Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.
- SABINO, O. (dir.). Panorama econômico do território do Acre: possibilidades e perspectivas da região. **O Acre**, Rio Branco, ano 31, n. 1433, 18 fev. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764752&Pesq=desenvolvimento%20da%20Amazonia&pagfis=6356>. Acesso em: 2 ago. 2020.
- SOUZA, J. J. V. de. **Seringalidade**: o estado da colonialidade na Amazônia e os condenados da floresta. Manaus: Valer, 2017.
- TOCANTINS, L. **Formação histórica do Acre**. 4. ed. Brasília, DF: Senado Federal, 2001.
- VARGAS, Getúlio. Discurso do rio Amazonas. *Revista Brasileira de Geografia*. Abril-Junho de 1942. Vol. 4, Nº 2. p. 259-262. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1942_v4_n2.pdf. Acesso em:
04 mai. 2022.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.

Recebido: 20/9/2022. Aceito: 7/12/2022.

Autores:

Emilly Nayra Soares Albuquerque

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre. Graduada em História Bacharelado pela Universidade Federal do Acre (Ufac)

E-mail: emillynayras@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5726-3659>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8061511979694543>

Almir Diniz de Carvalho Júnior

Possui graduação em História pela Universidade de Brasília (1987), mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (2000) e doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Atualmente é professor Associado da Universidade Federal do Amazonas.

E-mail: almirdcjr@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2839-3128>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4248019005880193>